

/ PALAVRA DO LEITOR

Pássaros engaiolados

Manifesto cumprimentos ao jornalista Fernando Albrecht pela nota sobre pássaros engaiolados (Começo de Conversa, edição de 17/03/2026). O colunista está correto e me associo à sua declaração: “Regulamentem o que quiserem, mas manter pássaros em gaiolas é uma tortura para as pobres aves”, ao abordar o projeto de lei do deputado estadual Aloísio Classmann, para tratar de regulamentação da criação de pássaros. Já aproveito e destaco a importância dessa página tão informativa e até mesmo provocativa, um espaço necessário no jornalismo. (Jurema Josefa, por e-mail).



Pássaros engaiolados II

O projeto de lei sobre a criação de pássaros deveria estender a proibição da criação em gaiolas também a coelhos e outros animais. Todos deveriam estar soltos na natureza. Basta as vacas, porcos e frangos confinados. Experimente ficar trancado em um quarto de um metro quadrado por 30 dias e conte-me depois. (Benito Luiz Serraggio, por e-mail).

Reajuste na tarifa de luz

Os primeiros reajustes na tarifa da conta de luz aprovados pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) em 2026 indicam que o ano vai ser pesado para o consumidor (JC, 17/03/2026). Alguém tem que pagar pela gratuidade concedida a outros na conta de luz. (André Pereira)

Prisão domiciliar

O ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), determinou que a Procuradoria-Geral da República (PGR) se manifeste sobre a possibilidade de conceder prisão domiciliar humanitária ao ex-presidente Jair Bolsonaro (JC, 20/03/2026). A decisão sobre prisão domiciliar não deve se pautar por conveniências políticas ou privilégios pessoais. O Judiciário precisa reafirmar que direitos humanitários são universais - e que privilégios não cabem no Estado democrático. (Júlio César Cardoso)

Corrupção

É impressionante a repulsa em todos os setores, principalmente dos contribuintes que pagam caros e inúmeros impostos em dia, para sustentar o que acontece em Brasília. Recentemente tivemos o caso do “Careca do INSS”, e o assunto parece que vai entrar na vala comum sem condenados. Quanto ao caso do Banco Master, presenciamos um jogo de empurra dos presumíveis culpados. É difícil entender e aceitar a participação direta ou indireta nestes movimentos de altas autoridades e de familiares. Será que teremos uma nova e “grande pizza”, como aconteceu na Lava Jato, com os custos recaindo sobre a população? Provavelmente será alegado no processo que existe uma vírgula fora do lugar e que o mesmo precisa ser extinto. (Adriano Ramos, por e-mail)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é “Artigo” ou “Palavra do Leitor”. Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

O próximo passo do Rio Grande do Sul

Gabriel Souza

O Rio Grande do Sul vive um momento que poucos imaginavam há alguns anos. Depois de um período de crise profunda, marcado por desequilíbrio fiscal e gastos acima da capacidade do Estado, voltamos a ter condições de investir, pagar em dia os compromissos e entregar resultados concretos para a população.

Isso não aconteceu por acaso. Foi resultado de uma agenda de responsabilidade, enfrentamento de problemas estruturais e decisões difíceis que permitiram reorganizar as contas públicas e recolocar o Estado de pé.

Os números mostram isso com clareza. Em 2019, o Rio Grande do Sul comprometia quase 80% da receita com pessoal. Hoje, esse índice está em torno de 63%. O Estado saiu de parcelamentos salariais para mais de cinco anos pagando em dia. A capacidade de investimento, que era de 2,3% da receita, superou os 10%.

Essa mudança permitiu avanços reais. Na segurança pública, os crimes contra a vida caíram de forma expressiva, com redução superior a 60% nos homicídios. Na educação, ampliamos o ensino médio em tempo integral de 18 para mais de 400 escolas e passamos a garantir uniforme para mais de 700 mil estudantes. Na saúde, foram mais de R\$ 1,1 bilhão investidos em infraestrutura hospitalar.

Mas é justamente aqui que está o ponto central: esse não é o fim do caminho. O desafio agora é o próximo passo.

A agenda que defendemos é clara: manter o equilíbrio das contas públicas como base, ao mesmo tempo em que avançamos em áreas decisivas como capital humano, infraestrutura, ambiente de negócios e resiliência climática.

Isso significa melhorar a qualidade das escolas, reduzir filas na saúde, ampliar investimentos em rodovias e logística e fortalecer a capacidade do Estado de agir com prevenção diante de eventos climáticos extremos.

Depois de tanto esforço, trabalho e responsabilidade, o Rio Grande do Sul não pode retroceder, nem ficar parado. Precisa evoluir. E evoluir exige mais do que manter o que foi feito. Exige saber como fazer, conhecer a máquina pública e transformar resultados em desenvolvimento e entregas concretas para os gaúchos.

É nesse contexto que me apresento como pré-candidato ao governo do Estado para representar a evolução desta agenda: manter o que está bom e melhorar o que é preciso. Dar continuidade a um projeto que deu certo e liderar este novo ciclo com responsabilidade e visão de futuro.

Vice-governador do Rio Grande do Sul

Sem hospital forte, não há inovação em saúde

Evandro Luis Moraes

Em um momento em que o mundo volta seus olhos para a inovação, seja no SXSW, em Austin, ou no South Summit, em Porto Alegre, é imprescindível refletir sobre onde, de fato, ela ganha sentido. Em saúde, a resposta não está apenas na criação de startups ou novas tecnologias, mas nos hospitais onde conhecimento, prática e cuidado se encontram de forma concreta.

No São Lucas da Pucrs, que se aproxima de seus 50 anos, essa convergência se expressa na integração entre assistência, ensino e pesquisa. Desde a sua fundação, nasce conectado a uma escola de Medicina de referência no País, sustentando um modelo em que formar e cuidar fazem parte do mesmo processo, em que criar condições para que as tecnologias façam sentido é um compromisso diariamente assumido.

A incorporação de recursos como simulação realística, IA, terapias avançadas e cirurgia robótica exemplifica esse movimento. São avanços que exigem novas competências, reorganizam práticas e ampliam a capacidade de oferecer cuidado mais preciso e seguro. Nesse contexto, a inovação deixa de ser um conceito abstrato e passa a ser experimen-

tada e aplicada em situações reais.

Ao mesmo tempo, o cenário econômico da saúde impõe desafios: pressão por eficiência, negociações mais exigentes, posição fragilizada dos hospitais como elo com maior imprevisibilidade da cadeia, falta de uma cultura de saúde personalizada e baseada em melhores desfechos e a necessidade de demonstrar, de forma consistente, o valor gerado no cuidado.

É nesse ponto que um hospital universitário e filantrópico precisa receber o olhar atento da sociedade. Trata-se de uma infraestrutura essencial para o sistema de saúde, responsável pela produção de desfechos clínicos, segurança, formação de profissionais e impacto social. Em tempos de transformações, riscos e crises, se torna também uma âncora de estabilidade, sustentando o cuidado e a capacidade de resposta do sistema.

Por essa razão, instituições assim demandam fortalecimento contínuo, investimentos e incentivos de diferentes instâncias da sociedade. Não se trata apenas de sustentabilidade institucional, mas da preservação de uma base essencial para o presente e o futuro da saúde.

É importante que a sociedade perceba que a essas instituições cabe a tarefa contínua de mediar o futuro, conectando inovação, avanço tecnológico, formação qualificada e compromisso com a vida. E neste cenário, não precisamos mais de diagnósticos, precisamos de ações.

CEO do Hospital São Lucas da Pucrs